

(CON)VIVER: UMA CONVERSA – SOBRE O HÁBITO, A CASA E O ESPAÇO LLANSOL – EM CONJUNTO COM JOÃO BARRENTO E MARIA ETELVINA SANTOS*

http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p209-230**

Por Érica Zíngano¹

Eu sou uma sala de espera para os meus companheiros, se vierem ____
na piedade
na ternura
na humildade

Esta é a minha aliança
porque agora as obras que escrevo e tenho para escrever são
múltiplas, como o silêncio.

Maria Gabriela Llansol,
Uma data em cada mão – Livro de Horas I, p. 232

* João Barrento e Maria Etelvina Santos coordenam o *Espaço Llansol* em Sintra, Portugal. Os informes do *Espaço* podem ser consultados no blog do grupo: <http://espacollansol.blogspot.com/>. E os “Jade - Cadernos llansolianos”, produzidos pelo grupo e mencionados durante a entrevista, podem ser encomendados por e-mail <espacollansol@gmail.com> ou correio: Espaço Llansol | Rua Dr. Alfredo Costa, 3-1º F2710-524 Sintra.

** Publicada originalmente na revista *Desassossego*, v. 1, n. 2, dez/2009:

<https://www.revistas.usp.br/desassossego/issue/view/3942>

DOI original: <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v1i2p214-228>

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

A presente entrevista foi desenvolvida com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.



Em setembro de 2009, habitei, de passagem, a Casa de Sintra, para pesquisar o espólio da Obra de Maria Gabriela Llansol (1931-2008), escritora portuguesa a quem dedico os meus estudos de mestrado na Universidade de São Paulo. Habitar a Casa, no sentido primeiro de “criar um hábito”, uma rotina com o espaço, com o texto. Hábito que demanda tempo, pedindo sempre um outro tempo, o de uma vivência alargada, porque nela, o texto imenso, a Obra, mais de vinte e seis títulos publicados em vida, ganha corpo na leitura como **legência**, um dos muitos conceitos propostos pela **textualidade** llansoliana, que revisiona todo um vocabulário literário, repensando outras possibilidades para a experiência estética.

Na **textualidade**, a experiência demanda para si um outro lugar, em deslocamento: a Casa está em Sintra e para lá chegarmos precisamos percorrer, de comboio, como se diz trem à portuguesa, 40 minutos de viagem. Essa duração em suspenso, até se chegar à Casa, poderia ser lida como um tempo de abertura para o texto, para a **textualidade**, já que é pelo movimento e pela viagem que Llansol nos convida para habitar sua paisagem textual, quando esta se define como “texto, lugar que viaja”

(LLANSOL, 1998, p. 135), onde a escrita passa então a registrar o furor das passagens:

Tenho esse foco de luz libidinal aceso sobre o lugar onde estou a escrever. Os lençóis enrodilham-se, e ouço a cabeceira da cama batendo, na trepidação com que escrevo sobre o caderno. A imagem que me deixa a mulher que está a escrever é a de um traço amplo e veloz a captar o poema que passa rápido. Impossível dizer-lhe que espere, que não consigo escrever à sua velocidade, que se repita ou volte a dizer (quando, de facto, nada diz) o que estava a dizer. *Passa* é o seu facto fundamental.

Mergulho em que não me espera, ignoro se me vê a escrever, deixo-me inundar de puro luar libidinal. (LLANSOL, 2000, p. 17)

Na Casa, em (con)vivência com os outros que ali estavam – os de passagem, pesquisadores que, como eu, buscavam respostas, pequenas pistas, novas impressões, e com os habitantes de sempre, os **legentes** que há muito modificaram suas rotinas no hábito da Casa, do texto – sinto que algo de muito particular no universo da pesquisa, refletindo sobre a dinâmica da minha própria vida, se modificou, já que pude experienciar empiricamente uma outra (con)vivência com o texto literário através da Casa. E isto só pôde ocorrer porque o espólio llansoliano está abrigado no lugar onde Llansol viveu por último e o contato com ele se estabelecer, pelo convívio, na intimidade desse espaço, modificando radicalmente a leitura que se passa a empreender na **textualidade**: penso que essa (con)vivência vai contra toda uma lógica de mercado e consumo dos tempos atuais, colocando-se como uma linha de força para resguardar o lugar tão precioso da experiência estética, resguardar no sentido que Llansol propunha de demarcar Herbais, um território contemplativo, como disse na “Carta ao legente”:¹

¹ Essa carta foi endereçada à pesquisadora Lúcia Castello Branco e a seus alunos, sendo publicada em 1998, em uma tiragem de 30 exemplares, fora do mercado, pela Edições 2 Luas de Belo Horizonte, com o título de *Carta ao Legente*. Posteriormente, foi publicada como prefácio à edição de: BRANCO, Lúcia Castello. *Os absolutamente sós - Llansol - A letra - Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/ UFMG, 2000, pp. 13-17. A diferença entre as tipografias é para assinalar as letras manuscritas e as datilografadas, respectivamente representadas pela fonte em itálico e courier new.

Tenho de voltar a Herbais para, *com uma estaca*, firmar
aí a minha vida. *A esse território contem-
plativo dos legentes
antes de partirem para a batalha
que lhes há-de . Multiplicar
as forças*
e duplicar o olhar reticente. (LLANSOL *in* BRANCO, 2000,
p. 16)

Os hábitos da Casa também se constroem a partir de novos hábitos, novas relações com o espaço em conjunto com os outros, os pesquisadores errantes que resolveram atravessar a **textualidade**: lá lemos, pesquisamos, conversamos, discutimos e comemos em roda, em torno da mesa que abriga o que trazemos para o almoço do dia. As conversas, como uma forma de tocar o outro através da linguagem, delineiam nossos caminhos e inquietações. Essa (con)vivência na Casa me fazia sempre pensar sobre as cenas de convívio, alteridades trazidas pela **textualidade** llansoliana, na criação de uma comunidade imaginária, quando, por exemplo, em *Onde vais, drama-poesia?*, Llansol chama, no **Aestheticum Convivium**, outros escritores, Rimbaud, Rilke, Dickinson, Musil, Fernando Pessoa, como Aossê, e Hölderlin, para habitar sua escrita, para a Casa do seu texto, além de muitos outros encontros improváveis, que fulguram pelas páginas de seus livros, já que a escrita llansoliana também pode ser definida como o **encontro inesperado do diverso**.

É pelo prazer de ter (con)vivido na Casa que esta conversa se abre para partilhar da alegria do encontro, do diverso como diversidade, das trocas possíveis, do olhar generoso, do *Espaço Llansol*.

ÉRICA ZÍNGANO: Na entrevista que deu ao jornal *Público* em 1995, posteriormente publicada na 2ª ed. do livro *Na casa de julho e agosto* em 2003, Llansol menciona o termo “espaço Llansol”, como uma outra voz, diferente da sua própria, ecoando em seu texto: “Eu, Maria Gabriela Llansol, nunca disse que desejava ser convidada pelos Bach. A narradora, que dá pelo nome de *o espaço Llansol*, é que procura provocar uma sobreimpressão entre esse espaço e o espaço da casa dos Bach, por ter indícios claros de que essa sobreimpressão provocará efeitos fulgurantes.” (LLANSOL, 2003a, p. 154), e acrescenta: “O momento em que a distinção entre a Maria Gabriela e *o espaço Llansol* começou a ser clara no meu espírito data de *Um beijo dado mais tarde*.” (*idem*, p. 155). Se, primeiramente, o termo

surgiu dentro da *textualidade* llansoliana, então, como se deu essa passagem do texto para a realidade? Quer dizer, quando, de fato, vocês, como um espaço real, uma multiplicidade de vozes, começaram a existir como *Espaço Llansol*?

ESPAÇO LLANSOL: Como se diz na nossa “Carta de princípios”, que acompanha os Estatutos do Espaço Llansol, este “espaço” não é apenas um lugar físico, nessa casa que conheceste e que nós habitamos e animamos com o nosso trabalho e a troca de afectos, “mas também o lugar *real*, visível e invisível, disseminado pelo Texto de M. G. Llansol”. Nas origens deste grupo e desta “associação cultural” está, de facto, o texto de Llansol e a vontade de o compreender e, agora, preservar e divulgar. Muito antes da fundação do Espaço Llansol, em 10 de Outubro de 2006, ainda com a Maria Gabriela, um grupo de leitores-legendes, pesquisadores, amigos, começou a reunir-se com a finalidade de ler e discutir os seus livros. Tudo começou com um primeiro encontro, na casa de praia da Prof^a Silvina Rodrigues Lopes, em que se falou d’ *O Livro das Comunidades* e Llansol leu e comentou, frase a frase, o “Lugar 1” desse livro (esse comentário está transcrito no primeiro número da série “Jade – Cadernos llansolianos”, que o grupo editou entre 2004 e 2007). Tudo começou então de uma forma particularmente grata à Maria Gabriela, a da leitura e da iluminação do texto pelo comentário – neste caso, um comentário único e irrepetível, pela *voz de quem escreveu* (não dizemos “da autora”, porque é palavra que nunca ouvimos da boca de Llansol).

Nos anos de 2000 a 2003 éramos um grupo informal, uma “comunidade sem regra” e sem nome, que se reunia num sábado do mês pelo prazer de discutir um texto que, abrindo-se das mais diversas formas a cada um de nós, nunca se fechava. A partir de 2004, depois da morte do companheiro de Llansol, Augusto Joaquim, reorganizámo-nos e encontrámos um nome: GELL-Grupo de Estudos Llansolianos. E entre 2005 e 2006, em conversas com a própria Llansol, percebemos que existia nela uma forte vontade de nos legar todo o universo de escrita (e outros) que se encontrava na casa de Sintra, e que nós desconhecíamos totalmente. Foi então que nasceu a ideia de dar ao grupo informal uma forma jurídica e institucional mais consistente, transformando-o numa entidade que, segundo os nossos Estatutos, “tem como finalidade prosseguir por todos os meios ao seu alcance o caminho iniciado pela Obra

de Maria Gabriela Llansol e empenhar-se na preservação e vivência concreta dos valores nela presentes”. Formulação pouco habitual nos Estatutos de uma associação, mas que vai bem com o espírito que nos anima. O Espaço Llansol é, de facto, para todos aqueles que o mantêm e nele trabalham, “o jardim que o pensamento permite”. Era assim, penso, que a Maria Gabriela imaginava a sobrevivência daquela casa que foi a última em que morou e diariamente escreveu: não como lugar estático, museu ou coisa parecida, mas, como lemos num dos cadernos manuscritos que nos deixou, como lugar vibrátil, como um pensamento e um lugar para viver. Para ela, “a única condição” – que nós nos esforçamos por cumprir – “é o pensamento poder *audaciar-se*, exprimir-se em obra que fique em toda a parte” (Caderno 43, Outubro de 1995).

EZ: Como se dava a presença e a intervenção da Maria Gabriela, como uma voz autoral, entre as vozes de vocês, nas discussões?

ELL: As discussões foram, desde o início, vibrantes e fundadas em textos previamente escritos e enviados a todos, mas o dia era também atravessado por testemunhos muito pessoais e por uma rara atmosfera de cordialidade e afecto. Durante dois anos, a Maria Gabriela, sempre presente, não disse uma palavra. Ouvia, anotava, desenhava nos seus cadernos. Mais tarde, começou ela própria a participar nos debates, e era quase sempre muita a luz que vinha das suas palavras. Mas também uma sageza feita de uma inteligência subtil e de algum humor (faceta muito presente na sua escrita, mas que não tem sido suficientemente notada), e sobretudo de uma enorme capacidade de ir ao encontro do ponto de vista ou das palavras do outro, respeitando-os e acrescentando-lhes sempre algo que só ela estava em condições de esclarecer. A meio deste percurso, que se prolongou até 2006, deixaria no Epílogo de um dos seus livros (*O Senhor de Herbais*, 2002), intitulado “As comunidades”, o seu próprio testemunho, lapidar e esclarecedor, sobre a sua vivência com este grupo e a descoberta de como a escrita e o escrevente, a leitura e os seus “cantores”, constituem um todo que se completa, na busca da “chave sob a maçã” que pode abrir frestas de luz – mas nunca portas escancaradas – por onde se entra no Texto:

... quantas vezes sentada na minha cadeira a ouvir as discussões, dificuldades e dúvidas, senti finalmente que outros, a seu modo, entravam por uma porta não muito diferente daquela por onde eu entrara. Senti que se procurava a chave sob a maçã,

o mistério não é o medo que tolhe os passos, mas a servidão que trazemos acorrentada às mãos e nos impede de tactear a chave sob a impotência e o júbilo de viver,

*senti-me estranhamente bem, sem o peso de carregar sozinha uma escrita que fez de mim um ser com aura, permitindo-me reatar o meu caminho para o humano, ser alguém de único entre únicos também, únicos não querendo significar especiais nem revelados, mas tão-só responsáveis pelo dado indiscutível de que cada um é irrepetível,
quer goste quer não*

*a perseverança dos outros deu-me coragem
vi que não era uma singularidade vã.*

EZ: E a participação do Augusto Joaquim, crítico e marido de Llansol?

ELL: Nesses anos, a presença dominante era, sem dúvida, a de Augusto Joaquim. Dotado de uma inteligência viva e pouco comum, conhecendo desde sempre, melhor do que qualquer outro, “os referentes do texto” (como escreve no posfácio a *Causa Amante*), participando ele próprio tantas vezes na génese e talvez na configuração de alguns dos livros de Llansol, o Augusto era para todos nós a figura generosa da “autoridade” partilhada, mas que ele sempre via como mais uma voz entre tantas.

EZ: Durante esse período, aconteceram três grandes encontros: um em Sabará, Minas Gerais (Dezembro de 2002), outro na Serra da Arrábida, Setúbal (Setembro de 2003) e um último na aldeia de Mourilhe, Trás-os-Montes, no norte de Portugal (Julho de 2005). Vocês podem falar um pouco sobre a natureza desses encontros?

ELL: A ideia de um primeiro Colóquio que reunisse pesquisadores, “legentes” e estudantes veio de Minas, pela mão da grande impulsionadora dos estudos llansolianos no Brasil, a Prof^a Lúcia Castello Branco, da UFMG. A ideia, que teve continuidade em Portugal por iniciativa do ainda apenas Grupo de Estudos Llansolianos, era a de alargar a discussão do texto de Llansol para além do GELL e da própria

Universidade, a que a maior parte de nós estava ligado. Em todos esses Colóquios foi grande a abertura conferida às abordagens da Obra de Llansol, não só da perspectiva crítico-literária, mas também de várias artes e seus representantes, com os quais a Maria Gabriela já vinha trabalhando, e que trouxeram aproximações originais ao seu Texto: pintores (Ilda David', Julião Sarmiento, Maria José Boaventura), fotógrafos (Duarte Belo), músicos (João Madureira, Amílcar Vasques Dias), cineastas (Regina Guimarães e Saguenail), dançarinos (Wagner Schwartz e Lou de Resende), e até biólogos (Isabel Catalão)...

Para cada um dos três Encontros encontramos nos textos de Llansol um tema condutor, que serviu de horizonte de referência, mas dando grande liberdade de intervenção e discussão, que foi sempre muito viva. Em Sabará guiou-nos “o jardim que o pensamento permite”, na Arrábida o lema “Concebe um mundo humano que aqui viva”, e em Mourilhe vimos-nos como “Vivos no meio do Vivo”, e assim vivemos, pensamos e debatemos durante três dias.

EZ: Nesse época, vocês já produziam os Cadernos Jade, esses pequenos livretos, semi-artesanais, como resultado das discussões, não era?

ELL: A ideia de começar a editar os Cadernos Llansolianos surgiu como resultado do fracasso da edição em livro, por uma editora portuguesa, dos textos produzidos por nós e das discussões gravadas dos encontros regulares, quase sempre em torno de um livro, que ocupava todo o ano. Perante a dificuldade, hoje acrescida, de encontrar editores dispostos a investir neste tipo de publicação (incluindo aqueles que editavam os livros de Llansol), decidimos que poderíamos ser auto-suficientes e fazer chegar aos interessados o resultado do nosso pensamento em torno deste Texto, à margem do mercado e afinal nele, já que os Cadernos eram colocados por nós próprios em algumas das principais livrarias do país. E assim fizemos, artesanalmente e em grupo, a par do debate sobre os livros, dezoito Cadernos Llansolianos com textos críticos, e outros, sobre alguns dos livros (*O Livro das Comunidades*, *Parasceve*, *Amar um Cão*, *Amigo e Amiga*), duas bibliografias llansolianas, toda a documentação do Colóquio de Mourilhe, o libretto de uma ópera feita a partir da obra de Llansol (*Metanoite*), um curso de iniciação a essa Obra, a adaptação teatral, por Augusto Joaquim,

d' *O Livro das Comunidades (Aos Fiéis do Amor)*, e até uma experiência pedagógica com cartas e desenhos de crianças enviados a Llansol.

EZ: Após a morte de Maria Gabriela em 2008, o que se tornou, de fato, o *Espaço Llansol*?

ELL: Como já dissémos, o Espaço Llansol nasceu da necessidade, sentida também pela Maria Gabriela, de encontrar um lugar para preservar e trabalhar o imenso espólio que ela deixou. Temos dado conta do que é esse espólio e do trabalho que vimos desenvolvendo no blog do Espaço <<http://espacollansol.blogspot.com>>.

EZ: Como os pesquisadores, os errantes navegantes, podem habitar a Casa?

ELL: Estamos há um ano abertos a pesquisadores de todo o mundo interessados em ver, usufruir, consultar, ler o que, depois de classificado e tratado digitalmente, vamos disponibilizando. E partilhamos com todos os que nos visitam o nosso dia a dia de trabalho e discussão, o espaço que organizámos de modo funcional e estético, espaço de memória, mas não museal, bem como o nosso fraco saber, a experiência acumulada em alguns anos de convívio mais íntimo com Llansol e Augusto Joaquim, com a leitura repetida das suas obras, e agora dos seus manuscritos.

EZ: Então vocês, como uma Associação, são responsáveis pela organização do espólio, deixado pela escritora. Vocês podem falar um pouco sobre o espólio e as prioridades de divulgação? Como vocês conseguiram organizar o caos em que a Casa se encontrava após a morte de Llansol?

ELL: Quando Llansol morreu, em 3 de Março de 2008, nenhum de nós fazia ideia do que se encontrava naquela casa em que a Maria Gabriela vivera durante catorze anos, e onde se foram acumulando heranças e legados familiares que vinham das avós, dos pais, de tias da escritora, mais o que ela própria trouxe da Bélgica no fim de um exílio de vinte anos (incluindo plantas, que ainda conservamos, desde 1985). Conhecíamos, sim, o ambiente de todas as divisões em que se acumulavam móveis e objectos que ocupavam todo o espaço – espaço vital, húmus indispensável para

ELL: Não podemos prever neste momento quantos volumes sairão de todo o espólio manuscrito, porque não temos ainda uma noção clara daquilo que, nos cadernos, é matéria já incluída em livros e texto inédito. Só à medida que os formos transcrevendo poderemos constatar o que é inédito. Numa escritora como Llansol, que nunca “fez livros”, mas sempre escreveu de forma fragmentária, não sequencial, mas compulsiva, torna-se impossível saber neste momento o que haverá para editar nos muitos milhares de páginas manuscritas e dactiloscritas que deixou. Mas tentaremos fazer sair um segundo volume do *Livro de Horas* por ocasião das Segundas Jornadas Llansolianas de Sintra, em 2010.

EZ: Além da divulgação da própria Obra llansoliana, traduzida este ano para o francês e aguardando a publicação para o italiano, pela editora Pagine d’Arte <<http://www.paginedarte.ch/>>, vocês começaram um projeto editorial de divulgação das discussões do grupo, lançando, também nas Jornadas, o volume *O que é uma figura?* – Diálogos sobre a Obra de M.G. Llansol na Casa da Saudação, pela editora Mariposa Azual <<http://amariposa.net/>>, que já havia publicado *Na dobra do mundo*, ensaios do João Barrento, e *Como uma pedra-pássaro que voa*, tese da Maria Etelvina Santos. Vocês poderiam comentar a questão das traduções e desses livros que saíram pela Mariposa... Vocês estão construindo um desenho editorial? Ainda sairão outros livros? Quais as prioridades de publicação?

ELL: A programação editorial do Espaço Llansol, que temos vindo a concretizar em bom ritmo, pretende manter viva a presença do texto e do mundo llansolianos, em Portugal e no estrangeiro, em quatro frentes diversas e complementares:

1. A edição de novos livros de Llansol, em especial do *Livro de Horas*, pela editora Assírio & Alvim (que também continuará a reeditar livros antigos: em breve *O Livro das Comunidades*, com obras de quatro pintores portugueses, e *Lisboaleipzig*, com pintura de Ilda David’).
2. A tradução, em várias línguas, de livros de Llansol. Sairam recentemente obras em castelhano (*O Livro das Comunidades* e *A Restante Vida*), e há outras já traduzidas nesta língua; a editora suíça Pagine d’Arte fez sair recentemente, em francês, *O Jogo da Liberdade da Alma* e a grande entrevista *O Espaço Edénico*, tem pronto o mesmo

- volume para sair em italiano, e continuará a editar novos livros; está pronto para sair em francês, noutra editora, um conjunto de três pequenos textos (*O Raio sobre o Lápis, Cantileno e Hölder de Hölderlin*); e encontra-se em fase de tradução para o alemão *Lisboaleipzig*, que será publicado em 2010.
3. Temos com a Mariposa Azul (e a sua editora Helena Vieira, que correspondeu com entusiasmo ao “quem me chama?” que lhe chegou depois da morte de Llansol, que ela conhecera já no primeiríssimo encontro do grupo no ano 2000) um acordo para continuar a colecção “Rio da Escrita”, onde saíram já os livros que referiste. O próximo incluirá os textos apresentados nas nossas primeiras Jornadas (*Llansol: o Novo, o Vivo, o Actual*), e sairá em 2010. Esta colecção, que substitui, em forma de livro, os nossos anteriores Cadernos Llansolianos, incluirá, assim, ensaios e outros textos que contribuam para iluminar a Obra de M. G. Llansol.
 4. Finalmente, e dando continuidade aos Cadernos Llansolianos num formato e com conteúdos diferentes, temos prevista a edição, pelo próprio Espaço Llansol, de uma nova série (ainda sem título definitivo, mas que poderá chamar-se “Rastos, Restos, Rostos”) de brochuras que documentarão, com texto e imagens, algumas peças mais preciosas ou curiosas do nosso acervo, que poderão ser objectos, obras de arte, fotos, papéis ou outras.

EZ: Vocês também estão organizando uma grande exposição no CCB (Centro Cultural Belém) para 2011. Por conta disso, inclusive, fizeram uma viagem, percorrendo as paisagens llansolianas e das figuras europeias que cruzam a Obra de Llansol. Vocês podem falar um pouco sobre a viagem e a construção da exposição, a partir do recorte “Llansol e a Europa”, que vocês estão propondo...

ELL: Essa grande exposição, que terá por título “Sobreimpressões. A dimensão europeia da obra de M. G. Llansol”, está ainda em preparação, só devendo realizar-se no início de 2011. Mas recolhemos já muitas horas de vídeo e milhares de fotografias, numa viagem de duas semanas em que percorremos dezassete lugares ligados à experiência europeia de Llansol e às figuras dos seus livros (a completar com outra, pela Espanha, em 2010). Viagem muito produtiva e surpreendente, que nos permitirá, com o

material visual recolhido, conceber uma sequência ao mesmo tempo original e actual para os núcleos que integram a exposição, e que documentam a visão da história política, cultural e espiritual da Europa em Llansol, desde as beguinas e os místicos medievais até Fernando Pessoa/Aossê. A visão iconoclasta da Europa em Llansol organiza-se, na exposição, em seis “Lugares”: 1. A comunidade sem regra (místicos e beguinas); 2. O nascimento da liberdade de consciência: Rebeldes e iconoclastas (Thomas Müntzer, os Anabaptistas de Münster, Copérnico, Nietzsche); 3. O litoral do mundo: Portugal e a Europa (Camões, D. Sebastião); 4. A geografia imaterial por vir: Dos poetas (Hölderlin); 5. O que pode um corpo: Em busca das fontes da alegria (Spinoza); 6. O caminho do dom poético: Lisboa e Leipzig (F. Pessoa e J. S. Bach).

É uma aventura, única na literatura portuguesa contemporânea, da busca de um sentido para a história da Europa através da recuperação de alguns dos nomes maiores do pensamento, da acção política, da arte, da literatura, da espiritualidade – portugueses, espanhóis, franceses, belgas, holandeses, alemães, polacos, italianos, dinamarqueses, persas, árabes..., e da sua metamorfose em forças vivas que convergem nos livros de Llansol num “projecto do humano” em que intervêm mais de quarenta Figuras. A exposição será acompanhada de uma série de outros eventos, com debates, leituras, um “Concerto para M. G. Llansol”, um filme sobre o seu universo, etc.

EZ: N’O Livro de Horas I – Uma data em cada mão, Llansol afirma que “O futuro é o mais actual dos tempos” (LLANSOL, 2009, p. 98). Que futuro da Obra vocês estão abrindo no *Espaço Llansol*?

ELL: O futuro, para nós, está já aí. Em cada dia que passa nos empenhamos na sua construção, guiados apenas pela convicção de estar no caminho certo e na via necessária ao escolher esta “causa amante” que é a da entrega à Obra magnífica e única de Maria Gabriela Llansol, a que devemos muitas horas, dias, meses, anos de prazer e júbilo. Será pouco tudo o que pudermos fazer para que ela continue viva, sempre actual e actuante.

BIBLIOGRAFIA MENCIONADA

BARRENTO, João. *Na dobra do mundo – Escritos Llansolianos*. Lisboa: Mariposa Azual, 2008.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades – Geografia de rebeldes I*. Porto: Afrontamento, 1977.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Um beijo dado mais tarde*. 2ª ed. Lisboa: Rolim, 1991.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Hölder, de Hölderlin*. Sintra: Colares, 1993.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 1 – O encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 2 – O ensaio de música*. Lisboa: Rolim, 1994a.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho – Diário I*. 2ª. ed. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Causa amante – O litoral do mundo I*. Posfácio de Augusto Joaquim. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais drama-poesia?* Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Cantileno*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000a.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Parasceve – puzzles e ironias*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

LLANSOL, Maria Gabriela. *A restante vida – Geografia dos rebeldes II*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001a.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O Senhor de Herbais – breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O jogo da liberdade da alma*. Lisboa: Relógio d'Água, 2003.

LLANSOL, Maria Gabriela. "O espaço edénico". In: LLANSOL, Maria Gabriela. *Na casa de julho e agosto – Geografia de rebeldes III*. 2ª ed. Lisboa: Relógio d'Água, 2003a.

LLANSOL, Maria Gabriela. "O espaço edénico – entrevista a João Mendes, jornal *Público*, 18 de janeiro de 1995". In: *Na casa de julho e agosto*. 2ª. ed. Lisboa: Relógio d'Água, 2003a, pp.139-168.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O raio sobre o lápis*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Amigo e amiga – Curso de silêncio de 2004*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Os cantores de leitura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Uma data em cada mão – Livro de horas I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

LLANSOL, Maria Gabriela. “Carta ao legente”. In: BRANCO, Lúcia Castello. *Os absolutamente sós – Llansol – A letra – Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/ UFMG, 2000, pp. 13-17.

LLANSOL, Maria Gabriela; JOAQUIM, Augusto. *Desenho a lápis com fala – Amar um cão*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

SANTOS, Maria Etelvina. *Como uma pedra-pássaro que voa – Llansol e o improvável da leitura*. Lisboa: Mariposa Azual, 2008.

O que é figura? - Diálogos sobre a Obra de Maria Gabriela Llansol na Casa da Saudação. Org. João Barrento. Lisboa: Mariposa Azual, 2009

A minha geração descobriu o *Orpheu* graças ao fato de que a geração anterior tinha descoberto, verdadeiramente, a geração que hoje nós chamamos de *Orpheu*. Havia uma revista dos finais dos anos 20, chamada *Presença*, que foi muito importante para a geração a que eu pertencço. E essa gente admirava muito o seu diretor, o poeta chamado José Régio, mas havia também, entre eles, gente que se definiu como uma “geração crítica”, onde instalaram um interesse pela crítica sistemático e organizado, que até então não havia.

O maior crítico desta época, o crítico que tinha uma tribuna nos jornais, era o próprio João Gaspar Simões, que é o autor da *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. O José Régio era poeta e crítico, um grande crítico, uma espécie de mestre da geração que nos precedeu. E, depois, um mais novo, que era o Casais Monteiro, um grande poeta, que mais tarde foi para o Brasil, onde morreu. Um poeta que, neste momento, está um pouco esquecido das novas gerações, mas é provavelmente o poeta que ficou mais próximo da geração do Pessoa, propriamente dita, e da geração do *Orpheu* em geral. Morreu muito solitário no Brasil. Mas era certamente o crítico mais moderno daquela geração e aquele a quem pessoalmente eu sou o mais devedor.

Essa geração redescobriu Pessoa, se assim se pode dizer, mas ao mesmo tempo, Sá- Carneiro. Essa revista (*Presença*) publicou os *Indícios de Ouro*, de Mário de Sá-Carneiro. E o Sá-Carneiro, para nossa geração, de 20 e poucos anos, foi “a descoberta”, como se tivéssemos descoberto Rimbaud, algo assim.

Do ponto de vista poético e de invenção literária e até do desafio àquilo que é percepção da poesia enquanto poesia clássica – um desafio muito grande, com imagens um pouco delirantes, sublimes muitas vezes. E foi aquele que viveu a sua própria experiência, enquanto sujeito poético, enquanto homem, etc. Ele morreu muito jovem. Ouvimos hoje o prof. Arnaldo Saraiva falar do suicídio de Mário de Sá-Carneiro, suicidou-se muito jovem.

Também por isso.... há uma tradição em Portugal de grandes poetas que se suicidaram, o mais célebre de todos é Antero de Quental, que também teve muita influência no Brasil, no século XIX.

E essa vida trágica de Sá-Carneiro pôs nele uma espécie de selo, um selo que só a tragédia pode conferir a uma vida, e muita gente jovem se reconheceu nesse suicídio, como se fosse o suicídio de *Werther*, literário no tempo do Goethe. E ficamos apaixonados por aquela obra.

Fernando Pessoa veio depois, quando se começaram a publicar as obras dele, nos anos 1942, 1943. Começou a sair a poesia ortônima, embora essa revista já tivesse publicado algumas coisas do Fernando Pessoa, por ocasião da morte dele. Diga-se de verdade, quase todos os grandes poemas de Pessoa já tinham sido publicados na revista *Presença*. O mais célebre de todos, “A Tabacaria”, por exemplo, já tinha sido publicado. Às vezes, a obra de um poeta é uma visitação, um resumo, uma síntese de tudo o que ele escreveu, um poeta está sempre em tudo quanto ele escreve, mas mais em certos poemas, mais grandiosos, mais pertinentes para o leitor. Portanto, foi uma grande descoberta, muitos de nós ficamos sempre como uma espécie de adoradores de Pessoa.

Para mim, neste momento da celebração do *Orpheu*, que tive a sorte ou a pouca sorte de viver tantos anos depois deles, é uma coisa quase dramática estar aqui a celebrar uma gente que foi, durante tantos anos, a nossa paixão, a fixação, como se diz em psicanálise. Mas enfim, a verdade é que não podemos fazer de conta que essa geração não existiu, não nos marcou. Não sei se as novas gerações já leram a obra e reencontraram aí as mesmas surpresas, mesmas vertigens, mesmos desafios, profundos, que para nós foram essas poesias de Mário de Sá-Carneiro, de um lado, e Pessoa, do outro.

Penso que, durante muito tempo, este colóquio e o outro, que será no Brasil, vão juntar um pouco tudo que nós temos. Uns que já não têm nada a dizer, que é o meu caso, mas as novas gerações têm, porque são novas e vão ler aquilo que nós lemos provavelmente de outra maneira. Mário de Sá-Carneiro também é uma poesia de alguém completamente desorbitado e que tem a tragédia de um eu que já não tem aquela certeza de sua total realidade que todas as gerações anteriores, a geração anterior teve, inclusive a romântica. E ele é um hiper-romântico, que deseja tudo, a vertigem daquilo que não tem, mas é tudo que sumira, queimara-se, em contato com a realidade, seja ela qual for, foi o que ele fez. Há um autor, alguém mais próximo da minha geração, que é o poeta David Mourão Ferreira, que fez uma espécie de leitura simbólica e curiosa do *Orpheu* e seus dois protagonistas. Há o protagonista que é Dédalo, criador do

quando o cristianismo aparece, se fizeram conotações entre o mito de Orfeu e o Cristo morto que ressuscitou no terceiro dia. Onde estava nesses três dias? Desceu aos infernos, para resgatar as almas daqueles que já mereciam realmente ser ressuscitados, mas que não havia mediador para essa ressurreição. O Orfeu é um pouco aquele que quer resgatar da morte o seu amor.

Curiosamente, estes poetas ou poetas-pintores, como o Almada, todos eles foram sensíveis ao mito do Orfeu. Tirando o Almada, penso eu que foram todos Orfeus sem Eurídice. Não têm a musa, há qualquer coisa intermediária, vaga ou já uma musa de certos plurais, que não sabe muito bem. O Almada Negreiros não, os referentes dele profundos são os da pintura moderna, que enquanto pintura revolucionária modificou a nossa imagem e a nossa representação do real. Cézanne é aquele que quer fazer uma representação como se uma representação fosse uma variante, na descrição mais objetiva do mundo, em formas geométricas, de onde saem estas, parecidas com as clássicas ou modernas, como a pintura do Picasso, aquela que foi a mais revolucionária do seu tempo, no século XIX. E Almada também fez uns painéis dedicados ao mito do Orfeu. Ele é a pessoa mais difícil de interpretar dentro da mitologia genérica do Orpheu. De fato, sua expressão é a pintura e é um homem das coisas visíveis, quer dizer, não tem essa problemática de uma ausência original ou qualquer coisa que por esse motivo mesmo não é visível, nem representável. Portanto, ele é uma espécie de Alberto Caeiro sem metafísica nenhuma, que tem o próprio sentido.

Ele não precisa de toda essa passagem do discurso para dizer que uma flor é uma flor, como expressões do divino. Quer dizer, a realidade “é” a qualquer que tenha uma vidência. O que precisa é que nós sejamos inocentes e ingênuos, para estar à altura desta revelação que é a criação mesma e é tudo quanto a gente vê, tudo quanto a natureza nos oferece. O Pessoa não. O Pessoa é, realmente, uma criatura no 2º grau, eu não sei quando ele era pequeno... eu penso que ele já jogava a heteronímia... que... intencionada a ser outro, a distinguir-se, não por nomear... E é muito profundo isto, de dizer “quem nos nomeia são os outros”, não temos nomeação por nós próprios, não sabe quem és, os outros que nos dão os nomes... e depois tem que se aguentar, a vida inteira, os nomes que nos deram...

REFERÊNCIAS

BARRENTO, João. *Na dobra do mundo – Escritos Llansolianos*. Lisboa: Mariposa Azual, 2008.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades – Geografia de rebeldes I*. Porto: Afrontamento, 1977.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Um beijo dado mais tarde*. 2ª ed. Lisboa: Rolim, 1991.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Hölder, de Hölderlin*. Sintra: Colares, 1993.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 1 – O encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 2 – O ensaio de música*. Lisboa: Rolim, 1994a.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho – Diário I*. 2ª. ed. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Causa amante – O litoral do mundo I*. Posfácio de Augusto Joaquim. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais drama-poesia?* Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Cantileno*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000a.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Parasceve – puzzles e ironias*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

LLANSOL, Maria Gabriela. *A restante vida – Geografia dos rebeldes II*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001a.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O Senhor de Herbais – breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O jogo da liberdade da alma*. Lisboa: Relógio d'Água, 2003.

LLANSOL, Maria Gabriela. “O espaço edénico”. In: LLANSOL, Maria Gabriela. *Na casa de julho e agosto*

- Geografia de rebeldes III. 2ª ed. Lisboa: Relógio d'Água, 2003a.

LLANSOL, Maria Gabriela. "O espaço edênico - entrevista a João Mendes, jornal *Público*, 18 de janeiro de 1995". In: *Na casa de julho e agosto*. 2ª. ed. Lisboa: Relógio d'Água, 2003a, pp.139-168.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O raio sobre o lápis*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Amigo e amiga – Curso de silêncio de 2004*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Os cantores de leitura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Uma data em cada mão – Livro de horas I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

LLANSOL, Maria Gabriela. "Carta ao legente". In: BRANCO, Lúcia Castello. *Os absolutamente sós - Llansol – A letra – Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/ UFMG, 2000, pp. 13-17.

LLANSOL, Maria Gabriela; JOAQUIM, Augusto. *Desenho a lápis com fala – Amar um cão*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

SANTOS, Maria Etelvina. *Como uma pedra-pássaro que voa – Llansol e o improvável da leitura*. Lisboa: Mariposa Azual, 2008.

O que é figura? – Diálogos sobre a Obra de Maria Gabriela Llansol na Casa da Saudação. Org. João Barrento. Lisboa: Mariposa Azual, 2009.

Licença: 

Concepção e realização da entrevista:

Érica Zíngano

Poeta. Mestre egressa do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo. Desenvolve trabalhos artísticos em Artes Visuais e Literatura, que podem ser vistos no 1001 notas (genéricas): <http://mileumanotas.wordpress.com/>

Contato: ericazingano@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4825-5446>